



JUSTIÇA RESTAURATIVA E CÍRCULOS DE PAZ: DESENVOLVENDO AÇÕES EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Lisiane Ligia Mella¹
Jéssica Limberger²
Talzamara de Oliveira Duarte³

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade expor o processo de tentativa de implantação da Justiça Restaurativa no âmbito escolar, incluindo práticas restaurativas através da realização de Círculos de Paz com alunos. Objetivou-se promover espaços de reflexão a respeito dos conflitos e da violência que perpassa as relações tanto intra como extraescolares através da construção de uma educação para paz e bem viver, aliadas à prática do psicólogo escolar. Este processo ocorreu por meio do estágio em Psicologia Escolar, desenvolvido em uma Escola de Ensino Fundamental do norte do estado do Rio Grande do Sul, através de uma consultoria escolar. A metodologia dos Círculos deu-se através de atividades que incluíam reflexões a respeito de temas sugeridos pelos próprios alunos, além de exercícios de autoconhecimento, empatia e que visassem o relacionamento interpessoal. A proposta dos Círculos de Paz evidenciou-se eficaz no que diz respeito a construção de uma cultura voltada à paz, na medida em que pôde fortalecer a autoestima dos alunos, além de contribuir para a reflexão de assuntos importantes trazidos por eles e que dizem respeito ao contexto a que pertencem. Conclui-se, portanto, que apesar dos desafios em meio a banalização da violência, a construção de uma cultura com princípios restaurativos é uma alternativa diante da violência escolar, incluindo a atuação do psicólogo escolar voltada a práticas inovadoras como a Justiça Restaurativa, sempre de acordo com as demandas da realidade.

Palavras-chave: Círculos de Paz; Educação para a Paz; Justiça Restaurativa; Violência Escolar.

ABSTRACT

This work aims to expose the process of attempt to implement Restorative Justice in scholar scope, including restorative practices by conducting Peace Circles with students. Aimed to foment opportunities for reflection about the conflict and violence that pervades relations inside and outside school trying to build an education for peace and good living, associated with the practice of the Scholar Psychologist. This process occurred through internship in School Psychology, developed in a Primary School in the northern state of Rio Grande do Sul, through a scholar consulting. The Circles method occurred through activities that included reflections on themes suggested by the students themselves, and exercises of self-knowing, empathy and that aimed interpersonal relationships. The proposal of Peace Circles demonstrated to be effective with regard to building a culture focused on peace, strengthening the

¹ Acadêmica do 10º semestre do Curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo. Possui capacitação em facilitação de círculos restaurativos. E-mail: lisiane.mella@yahoo.com.br

² Acadêmica do 10º semestre do Curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo. Possui capacitação em facilitação de círculos restaurativos, E-mail: jessica.limberger@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora titular III da Universidade de Passo Fundo. Supervisora acadêmica do estágio em Psicologia Escolar I e II. E-mail: talza@upf.br

self-esteem of students, and contributing to the debate of important issues brought by them and relate context to which they belong. By completing, therefore, that despite the challenges amid the trivialization of violence, building a culture with restorative principles is an alternative on school violence, including the role of the Scholar Psychologist focused on innovative practices such as Restorative Justice, always according to the demands of reality.

Key-words: Circles of Peace; Education for Peace; Restorative Justice; School violence.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A constante convivência em sociedade exige que tomemos decisões frente a conflitos inerentes a ela. Contudo, as resoluções de conflitos, muitas vezes, acabam sendo encaradas como competições, contribuindo para a retroalimentação de um círculo vicioso onde repetidamente uns tentam dominar e subjugar os outros. Este cenário deixa clara a necessidade de reestruturar os alicerces que fundam nossa convivência em sociedade, para que estes possam contribuir para a superação da indiferença, da individualidade e da superficialidade que contribuem para manter uma cultura de violência⁴.

Desta forma, compete também à escola refletir sobre este contexto e considerar transformações necessárias, a fim de contribuir com a construção de uma educação para a paz e bem viver, contando com práticas inovadoras como a Justiça Restaurativa.

A Justiça Restaurativa é uma maneira de restaurar um dano causado através de um conflito instaurado, onde o ofensor, a vítima e a comunidade possam dialogar buscando a compreensão mútua e promovendo a responsabilização, saindo dos moldes tradicionais da culpa⁵. Entretanto, as práticas restaurativas na atualidade compõem-se de um resgate de valores e princípios que nos lembra do que já sabemos, ou seja, de como nós deveríamos nos relacionar uns com os outros, através do verdadeiro diálogo e de forma pacífica⁶.

⁴ ARAÚJO, A. P. *Justiça Restaurativa na escola: perspectiva pacificadora?* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

⁵ BRANCHER, L. Justiça restaurativa: para além do perdão e da vingança. In: *Cultura de paz: da reflexão à ação; Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

⁶ ROSENBERG, M. B.; *Comunicação Não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Editora Ágora, 2006.

Para Zehr, tal resgate constitui-se de uma adaptação de abordagens, valores e princípios básicos tradicionais, combinados com a realidade e a sensibilidade quanto aos direitos humanos⁷. Portanto, essa metodologia é, acima de tudo, uma forma de alcançar o respeito por todos, sendo a humildade imprescindível para atingir esse tipo de respeito. O que é essencial para a Justiça Restaurativa, desse modo, é o compromisso de escutar outras vozes, inclusive as dissonantes⁸.

Neste sentido, a Justiça Restaurativa, acompanhando os princípios da Teoria do Conflito proposta por Azevedo, promove um olhar diferenciado para os conflitos, percebendo-os como oportunidades para promover mudanças e resultados positivos⁹, a partir do momento em que abre o ensejo para um diálogo verdadeiro e pacífico.

Conforme Chrispino, o conflito pode ser entendido como toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar acontecimentos. Não existe a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes¹⁰. Assim, há uma necessidade de trabalhar com o conceito de despolarização, que consiste no ato ou efeito de não perceber um diálogo ou um conflito como se houvesse duas partes antagônicas ou dois polos distintos, mas a partir do pressuposto de que todos tenham interesses congruentes¹¹.

Contudo, Chrispino salienta que temos dificuldades em identificar as circunstâncias que derivam dos conflitos ou redundam neles¹². Conforme as ideias do autor, em geral, só percebemos o conflito quando este produz suas manifestações violentas.

“Daí podemos tirar, pelo menos, duas conclusões: a primeira é que se ele se manifestou de forma violenta é porque já existia antes na forma de divergência ou antagonismo, e nós não soubemos ou não fomos preparados para identificá-lo; a segunda é que toda a vez que o conflito se manifesta, nós agimos para resolvê-lo, coibindo a manifestação violenta. E neste caso, esquecemos que problemas mal resolvidos se repetem (CHRISPINO, 2007, p. 16)”¹³.

⁷ ZEHR, H. *Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça – Justiça Restaurativa*. São Paulo: Palas Athena, 2008.

⁸ ZEHR, H. Avaliação e princípios da Justiça Restaurativa. In: SLAKMON, C.; MACHADO, M. R.; BOTTINI, P. C. (Orgs.). *Novas direções na governança da justiça e da segurança*. Brasília-DF: Ministério da Justiça, 2006.

⁹ AZEVEDO, A. G. (Org.) *Manual de Mediação Judicial*. Ministério da Justiça. Brasil, 2009.

¹⁰ CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

¹¹ AZEVEDO, A. G. (Org.) *Manual de Mediação Judicial*. Ministério da Justiça. Brasil, 2009.

¹² CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

¹³ *Ibidem*, p. 16.

Azevedo ressalta que autores como Rubin e Kriesberg contribuem com o entendimento do conflito destacando que há uma progressiva escalada nas relações conflituosas, sendo esta resultante de um círculo vicioso de ação e reação. Cada reação torna-se mais severa que a ação precedente, criando uma nova questão ou ponto de disputa, ou seja, uma espiral de conflito¹⁴.

Todavia, o conflito constitui-se parte integrante da vida e da atividade social, originando-se da diferença de interesses, de desejos e de aspirações¹⁵. Além disso, os conflitos estão presentes em todos os âmbitos e esferas sociais, sendo a escola um ambiente propício para o desencadeamento de conflitos e, conseqüentemente, da violência.

A violência é um problema crescente que abrange todas as esferas sociais, sendo declarada como um problema central de saúde pública na 49ª Assembleia Mundial de Saúde, definida como:

“O uso intencional de força ou poder físico, sob forma de ameaça ou ação efetiva, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações de desenvolvimento ou privações” (KRUG, *et al*, 2002, p. 5)¹⁶.

Conforme Silva e Salles, a problemática da violência vem provocando crescente perplexidade e sendo objeto de preocupação no meio escolar¹⁷, na medida em que este ambiente aparece como um espaço onde se multiplicam diferentes formas de violência, as quais, segundo Ruotti, estariam interferindo ou mesmo inviabilizando o trabalho educativo¹⁸.

Nos relatos de professores de escola pública, a violência e principalmente o desrespeito, estão banalizados, onde inclusive atos deixem até de serem percebidos como violentos¹⁹. Entretanto, vale lembrar que, com o advindo da massificação da educação, ao mesmo tempo em que esta pôde garantir o acesso dos alunos à escola, também a expôs a um contingente de alunos cujo perfil ela não estava

¹⁴ AZEVEDO, A. G. (Org.) *Manual de Mediação Judicial*. Ministério da Justiça. Brasil, 2009.

¹⁵ CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

¹⁶ KRUG E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI A. B.; LOZANO. R. (eds.) *World report on violence and health*. Geneva, World Health Organization, 2002, p. 5.

¹⁷ SILVA, J. M. A. P.; SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

¹⁸ RUOTTI, C. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n.1, p. 339-355, jan./abr. 2010.

¹⁹ SILVA, J. M. A. P.; SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

preparada para absorver. Com a massificação, traz-se para o mesmo espaço alunos com diferentes vivências, expectativas, valores e culturas, permanecendo a escola, contudo, a mesma²⁰.

Segundo as ideias do autor mencionado, parece evidente que este conjunto de diferenças pode vir a originar conflitos que, quando não trabalhados, provocam manifestação violenta, sendo esta a causa primordial da violência escolar. Além disso, outra possível causa de conflitos é a dificuldade de comunicação e de condições para estabelecer o diálogo, sendo as divergências de opinião entre alunos e professores, entre alunos e entre os professores possíveis causas de conflitos²¹.

Partindo-se dessas considerações, constrói-se, como consequência, uma atmosfera de receios, medos e de suspeições que incidem diretamente sobre a conduta não só dos alunos e sobre as condições de vida que estes possuem fora da escola, como de toda a comunidade escolar²².

Assim, perante essas circunstâncias, são necessárias intervenções que promovam uma Comunicação Não-Violenta²³ aliada a Círculos de Paz²⁴ e práticas restaurativas. Além disso, a promoção de ações requer uma conexão com a realidade e que esta ocorra de maneira contínua, tanto na prevenção à violência quanto na resolução de conflitos de forma não violenta, possibilitando restaurações.

Contudo, questionamentos a respeito do que consiste a cultura de paz e como trabalha-la são pertinentes, na medida em que pensar este conceito no âmbito escolar é um importante instrumento para a construção de uma educação para a paz²⁵.

Segundo Maldonado, houve uma modificação do conceito de paz nas últimas décadas, abrangendo uma visão holística de integração entre a busca da paz interior com a busca da paz entre os homens e com a natureza²⁶. Portanto, educar para a paz consiste na busca do respeito mútuo, percebendo e indignando-se diante de qualquer situação de violência física ou psicológica, contra si mesmo, contra o outro

²⁰ CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

²¹ Ibidem.

²² RUOTTI, C. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n.1, p. 339-355, jan./abr. 2010.

²³ ROSENBERG, M. B.; *Comunicação Não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Editora Ágora, 2006.

²⁴ PRANIS, K. *Processos Circulares*. São Paulo: Palas Athena, 2010.

²⁵ MARCHETTO, G. L. A. *Educação para a Paz: um caminho necessário*. São Paulo: Paulinas, 2009,.

²⁶ MALDONADO, M. T. *Os Construtores da Paz: caminhos da prevenção da violência*. São Paulo: Moderna, 1997.

ou contra o ambiente. Além disso, educar para a paz é uma construção cotidiana que se baseia no respeito e no cuidado, acreditando na mudança²⁷.

Além disso, Marchetto salienta que não é possível falar em educação para a paz sem incluir as relações, sendo a primeira mudança necessária estar no próprio indivíduo, pois a paz não se ensina, mas se vive²⁸. Desta forma, os Círculos de Construção de Paz têm se mostrado importantes ferramentas para a promoção de uma educação para a paz. Estes Círculos descendem diretamente dos tradicionais Círculos de Diálogo comuns aos povos indígenas da América do Norte²⁹.

Na sociedade contemporânea, os Círculos de Paz vêm sendo praticados tanto para o desenvolvimento pessoal como também em contextos públicos, através de escolas, locais de trabalho, assistência social, igrejas, associações de bairro e famílias. Segundo Pranis, um Círculo de Construção de Paz é uma forma de reunir as pessoas de modo que: todos sejam respeitados; todos tenham igual oportunidade de falar sem serem interrompidos; os participantes se expliquem contando sua história; todos são iguais, ninguém é mais importante que o outro; e aspectos emocionais e espirituais da experiência individual são acolhidos³⁰.

Os processos de Círculo proporcionam que, através do ato de contar histórias, as pessoas se aproximem das vidas uma das outras, por meio de suas histórias significativas e trocas honestas, num ambiente de respeito, igualdade e atenção amorosa entre todos³¹.

Partindo dessas considerações, o presente trabalho tem como finalidade expor o processo de tentativa de implantação da Justiça Restaurativa no âmbito escolar, incluindo práticas restaurativas através da realização de Círculos de Paz com alunos. Assim, objetivou-se promover espaços de reflexão a respeito da construção de uma educação para paz e bem viver, aliadas à prática do psicólogo escolar.

METODOLOGIA

²⁷ MARCHETTO, G. L. A. *Educação para a Paz: um caminho necessário*. São Paulo: Paulinas, 2009.

²⁸ Ibidem.

²⁹ PRANIS, K. *Processos Circulares*. São Paulo: Palas Athena, 2010.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

Este processo ocorreu por meio do estágio em Psicologia Escolar, componente curricular do 7º e 8º semestres do curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo. O estágio foi desenvolvido em uma Escola de Ensino Fundamental do norte do estado do Rio Grande do Sul, através de uma consultoria escolar, buscando a realização de práticas restaurativas como tentativa de resolução de conflitos de uma forma não violenta.

As consultorias variam de acordo com as necessidades de cada escola. Consistem em trabalhos temporários que visam desenvolver, apoiar e implementar novas políticas ou programas de qualificação e desenvolvimento escolar. Desta forma, o foco do estágio esteve na realização de Círculos de Paz, com princípios da Comunicação Não-Violenta (CNV) e da Justiça Restaurativa.

A consultoria visa integrar o referencial que parte do entendimento do indivíduo, dos grupos e das instituições. Ela é eclética e propicia que o consultor se desloque até o ambiente escolar e lá trabalhe com a direção da escola, os supervisores e orientadores, com o grupo de professores e alunos, com o objetivo de instrumentalizá-los para lidar com as dificuldades que advém do relacionamento interpessoal³².

O serviço de consultoria foi desenvolvido por duas estagiárias no período de março a dezembro de 2012, sendo realizadas oito horas semanais distribuídas em atividades na escola, através da realização dos Círculos de Paz com os alunos. Inicialmente, os alunos foram entrevistados e informados sobre a proposta dos Círculos de Paz para que, então, afirmassem seu interesse em participar ou não dos grupos, sendo que a grande maioria disponibilizou-se a participar. Dessa forma, a expressão *“Eu quero participar”* foi muito importante, pois o aluno estaria no grupo partindo de um desejo seu.

A metodologia dos Círculos deu-se através de atividades que incluíam reflexões a respeito de temas sugeridos pelos próprios alunos, além de exercícios de autoconhecimento, empatia e que visassem o relacionamento interpessoal. Os Círculos foram realizados a partir de dois grupos femininos e dois grupos masculinos, de acordo com a idade, que variava entre 10 a 18 anos, além dos

³² NETTO M. S. et al. A Consultoria Escolar em suas diferentes etapas. In: BASSOLS, A. M. S. et al, (orgs.). *Saúde Mental na Escola: Consultoria com estratégia de prevenção*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

interesses dos alunos. Os Círculos foram desenvolvidos na biblioteca da escola e, a cada semana, sempre foi realizado um Círculo de Paz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metodologia de ação que partiu da realização dos Círculos de Paz possibilitou às estagiárias observar, a partir das falas dos alunos, as diferentes percepções que estes tinham sobre os conflitos que ocorrem no ambiente escolar e da própria violência, decorrente da dificuldade de manejo destes conflitos cotidianos. Algumas frases como: *“Tem que ser batendo mesmo”* ou *“A gente também pode dar carinho”* expressam essas diferentes percepções e a maneira com que cada aluno internaliza, vivencia e apreende questões relacionadas à violência, a partir do meio em que está inserido.

Desta forma, os Círculos foram realizados a fim de possibilitar reflexões a respeito dos conflitos e da violência que perpassa as relações tanto intra como extraescolares, com o intuito de preparar a comunidade escolar para a possibilidade de realização de círculos restaurativos. Portanto, a partir do momento que ocorresse um conflito entre alunos ou entre alunos e professores, haveria a possibilidade de realização de um círculo restaurativo, unindo a vítima, o ofensor, familiares e comunidade, para que estes entrassem em um acordo, promovendo a responsabilização. Mas, para que isso pudesse vir a ocorrer, seria importante que toda a escola tivesse conhecimento de todo o processo.

Logo, esse trabalho inicial foi justamente para que toda escola tivesse conhecimento do processo e desta possibilidade. No entanto, com cenas de violência que são banalizadas e corriqueiras, tornou-se um grande desafio a tentativa de inserir práticas restaurativas, uma vez que a violência está presente tanto por meio de palavras, gestos ou ações e, por este motivo, deve ser encarada como prejudicial a todo o conjunto escolar.

Assim, percebendo a complexidade que requer a implantação da Justiça Restaurativa no âmbito escolar, identificou-se a importância de primeiramente investir na tentativa de construção de uma cultura e educação para a paz, onde, através dos Círculos de Paz, os alunos pudessem pensar e repensar as causas e consequências dos conflitos e da própria violência, além das formas de manejo em situações conflituosas.

Ao dar início aos Círculos, dessa forma, as estagiárias seguiam um roteiro com as atividades previstas para cada dia. Esse roteiro era escrito no quadro negro da biblioteca, facilitando a visualização de todos os participantes. Apesar de existir o roteiro preestabelecido, algumas vezes teve-se que adaptá-lo de acordo com ritmo do grupo, evidenciando que muitas vezes há a necessidade de estar disposto a perceber as demandas a fim de atendê-las, lidando com imprevistos.

Os Círculos eram iniciados com uma recepção ao início e ao término haviam três folhas coloridas escritas: “*Que bom*”, “*Que pena*” e “*Que tal?*”, a fim de que cada participante do círculo pudesse expressar o que gostou, o que não gostou e sugestões para os próximos Círculos. Esse método favoreceu para que se pudesse escutar a opinião dos alunos e, assim, continuar com as dinâmicas que foram acolhidas e igualmente rever as que não se aplicaram.

Nestes Círculos, uma importante ferramenta utilizada foi a contação de histórias, pois quando uma história é contada, a informação é transmitida de modo a criar abertura por parte de quem escuta. Se a mesma informação for apresentada de forma direta ou cognitiva, o receptor imediatamente aciona um mecanismo de avaliação para decidir se concorda ou não, sem refletir sobre tal. Já na contação de histórias, há um envolvimento emocional além de mental, permitindo que os ouvintes absorvam as histórias de modo diferente, como bem ressalta Pranis³³.

Sentiu-se que, ao introduzir reflexões através de histórias, os alunos sentiram-se muito mais a vontade, pois sabiam que ali não iriam ser julgados e, conforme a fala de um aluno “*O grupo foi ‘xarope’... mas xarope quer dizer que foi bom, aqui falamos coisas que a gente nunca tinha falado*”.

Através da introdução de uma atividade que consistia em contar a seguinte história, com nomes fictícios: “*Pedro/Ágatha mora em São Paulo. Um dia, aconteceu uma coisa muito boa na vida dele/dela. O que aconteceu?*”, deixando para que cada aluno pudesse dar sequência à história da maneira que quisesse, percebeu-se, na fala de cada aluno, muitos aspectos positivos que haviam acontecido na vida dos personagens. Através dessa atividade, assim, os alunos puderam falar de si através do personagem, e, ao mesmo tempo em que eram “impessoais”, também se projetavam nas histórias, trazendo vivências importantes e acolhidas no grupo.

³³ PRANIS, K. *Processos Circulares*. São Paulo: Palas Athena, 2010.

Para cada Círculo, havia um baú que era utilizado como “objeto da palavra”, onde somente quem estivesse segurando o baú teria o direito a fala, favorecendo com que todos contivessem este direito, além de escutar os demais participantes, esperando por sua vez. Muitos alunos, a maioria mais novos, “apropriaram-se” do objeto transformando-o em um microfone, enquanto os outros comunicavam-se através de mímicas, pois sabiam que não poderiam falar. Em contrapartida, com alunos mais velhos, a proposta do baú não funcionou adequadamente, na medida em que estes se mostravam bastante tímidos e retraídos, preferindo falar sem que fosse à posse do objeto.

Através do baú, também foram utilizadas atividades com o intuito de que diferentes temas fossem abordados e respondidos de forma mais “atraente” pelos participantes, onde, dentro do baú haviam perguntas que seriam respondidas quando uma música, do gosto dos alunos, parasse de tocar. Notou-se que os alunos ficaram bastante atentos e ansiosos em relação a essa atividade. Dessa forma, a cada pergunta, onde dois participantes respondiam, pôde-se ter mais de uma visão sobre o assunto abordado, enriquecendo as experiências vivenciadas no Círculo e possibilitando a reflexão sobre diferentes pontos de vista de uma mesma situação. Além disso, um aluno escolher outro participante para responder fez com que os vínculos estabelecidos fossem reforçados.

Os temas abordados nas perguntas que continham no baú eram referentes aos diálogos que surgiam durante a realização dos Círculos, como a amizade (*Conte uma situação engraçada que aconteceu com você e seu amigo; Quais as qualidades de um amigo seu?; Fale sobre um amigo de infância; O que você faria por um amigo?*), uma situação de roubo ocorrido na escola (*Como você se sentiu quando soube que haviam roubado os computadores?; Se você pudesse falar com o ladrão, o que você diria?; Se você fosse o policial, o que você faria?*) entre outros temas.

Dessa forma, pôde-se realizar um exercício de empatia com os alunos, fazendo-os se colocar no lugar do outro e tentar considerar e até mesmo entender o outro lado da situação. Além disso, conseguiu-se conversar sobre esses temas delicados de forma espontânea, trazendo para dentro do Círculo os sentimentos e pensamentos de cada um, que foram acolhidos pelo grupo. Todos os alunos se dispuseram a responder as perguntas e diferentes contrapontos puderam ser trabalhados com eles, possibilitando a reflexão.

Em alguns Círculos, frases foram utilizadas para que os alunos pudessem completar com aquilo que desejassem, por exemplo: *“fico feliz quando...”*, *“fico com raiva quando...”*. Dessa forma, cada participante pôde compartilhar com o grupo e recordar momentos bons, assim como momentos em que se sente raiva. Assim, abordou-se o que pode ser feito quando se fica com raiva, quais as alternativas que se pode seguir, visando o autocontrole, respirar fundo, contar até dez, etc., favorecendo a acolhida de diferentes pontos de vista a esse respeito, circulando o pensamento.

É importante considerar também, que o próprio grupo trouxe contrapontos, por exemplo: trazendo a reflexão de como se lida com a raiva, um aluno dizia que acabava agredindo a outra pessoa, enquanto outro dizia *“eu não dei um soco nele, consegui me controlar”*, evidenciando que sempre existe outro modo de lidar com os conflitos.

As atividades realizadas através de músicas, desenhos, recortes de figuras, perguntas que estimulassem a reflexão e pensamento sobre determinada temática incitaram a empatia e a consideração com os colegas. Tais atividades foram propulsoras do diálogo, pois muitas questões puderam ser expostas, como a violência, atos de delinquência, o roubo, o que se tem e o que se gostaria de ter, o que é de cada um, entre outros.

Em todos os Círculos realizados, o diálogo e a troca de ideias foram constantes, sendo a marca de um Círculo de Paz, onde todos possam dialogar a partir de uma situação em comum e buscar alternativas diante de uma problemática. Percebeu-se que os alunos se motivaram com a ideia, seguidamente questionando: *“Quando vai ser o nosso grupo mesmo?”*. *“É hoje, né?”*. Assim, o vínculo que foi se estabelecendo criou laços muito fortes, onde espaços de confiança foram se constituindo.

Portanto, pode-se dar início a um processo de implantação de práticas restaurativas, a fim de possibilitar a reflexão dos alunos no que diz respeito a construção de uma cultura de paz, através da Comunicação Não-Violenta, revelando que sempre há maneiras distintas para se lidar com os conflitos, potencializando o diálogo e o que cada aluno têm de bom, suas habilidades, suas particularidades e sua singularidade. Desse modo, fortaleceu-se cada indivíduo para, assim, contribuir com a construção de um sentimento grupal igualmente harmônico, através da partilha.

Por conseguinte, a proposta de realização de Círculos de Paz com os alunos proporcionou a criação de um espaço destinado à construção de uma cultura e educação voltadas à paz. A cada semana, os alunos tinham ciência de que iriam ser convidados a fazer parte do grupo, de forma voluntária. Durante a realização de todos os círculos, na abertura, salientava-se a importância da presença de cada um, reforçando que as estagiárias também queriam estar ali, fazendo parte daquele grupo.

Além disso, o apoio dos professores e de toda a comunidade escolar favoreceu para que os alunos participassem e se interessassem pela proposta. Dessa forma, pode-se considerar que a abertura desse espaço de diálogo e troca de ideias foi essencial para pensar e repensar os contextos da violência, suas causas e consequências.

Partindo-se do pressuposto de que os conflitos são inerentes à vida em sociedade e que não necessariamente estes são positivos ou negativos, mas que é a resposta que se dá a eles que os torna construtivos ou destrutivos³⁴, lançar um ponto de pauta a respeito dessas questões e o que isto influi em nossas vidas é dar início a um processo de reflexão a respeito de nós mesmos e de como lidamos com essas situações cotidianas.

Em um dos Círculos de Paz, vivenciou-se uma situação conflitiva com dois alunos, onde a manifestação violenta ocorreu justamente pela incapacidade de identificar as circunstâncias que derivaram do conflito. Entretanto, lançou-se mão deste momento para incitar a reflexão através da expressão de cada integrante do Círculo na forma de um desenho, demonstrando o que cada um havia sentido naquele momento da briga. Muitos alunos negaram o acontecimento, fazendo desenhos não relacionados com a proposta, demonstrando desconforto em ter que lidar com algo que os mobilizou. Entretanto, através dos desenhos das estagiárias, que demonstraram tristeza pelo ocorrido, no término do Círculo, alguns alunos expressaram seu desconforto: *“não queria ter brigado”*, *“fiquei triste hoje porque eu não queria que eles tivessem brigado”*, favorecendo para que cada um pudesse pensar no ocorrido de modo diferente.

³⁴ GUIMARÃES, M. R. *Cidadãos do Presente: crianças e jovens na luta pela paz*. São Paulo: Saraiva, 2002.

Um fator importante presente em todos os Círculos foi o incentivo pelas estagiárias para que os alunos desenvolvessem as atividades da maneira com que quisessem, sem restrições, contribuindo para sua livre expressão. Contudo, muitos alunos questionavam suas próprias capacidades e habilidades, muitas vezes rasgando seus desenhos e desistindo com facilidade de participar das atividades propostas. Esse comportamento revela uma posição desafiante dos alunos, na medida em que, rasgar os desenhos e desistir das atividades demonstravam certa descrença em si mesmos, em suas capacidades. Por isso, os alunos utilizaram-se desse comportamento como forma de impressionar, sendo estas as maneiras encontradas por eles para testar as estagiárias, ou seja, se iriam ser “abandonados” ou se estas iriam continuar acreditando e incentivando-os. Logo, sempre evidenciou-se que de fato as estagiárias queriam estar ali, explicitando o afeto e alegria em participar com eles dos Círculos de Paz.

Em uma atividade chamada “Quem sou eu”, por exemplo, cada aluno abria uma caixinha que continha um espelho, e esta iria revelar quem cada um era. Alguns alunos diziam aspectos negativos de si, porém, o espelho não aceitava, fazendo os alunos repensarem suas qualidades como forma de reforçar a visão que cada um tinha de si. Ressaltou-se, assim, os aspectos positivos dos alunos de maneira afetiva, contribuindo para que eles voltassem a participar das atividades, além de investirem em seus desenhos.

Pode-se considerar que o afeto exerce papel fundamental na atividade humana. Sem ele, não haveria interesse, necessidade ou motivação. Dessa forma, a valorização do afeto na criança é inquestionável, uma vez que vai coadjuvar na fundação dos pilares da sua autoestima, considerando-se a qualidade das interações³⁵. Portanto, a partir dos Círculos de Paz, o fortalecimento de uma postura afetiva para com os alunos, além do revigoramento dos vínculos a cada Círculo, contribuiu para reforçar sua autoestima e sentimentos de pertencimento, na medida em que naquele espaço eles tinham a certeza que seriam sempre aceitos, cada um com sua singularidade.

Além disso, a proposta dos Círculos, ou seja, uma metodologia em que todos pudessem estar dispostos em círculo, favoreceu para o estabelecimento de um sentimento de igualdade nos grupos. No que diz respeito a circularidade, Simon,

³⁵ MIRANDA, S. M. Afeto e autoestima nas relações interativas em início de escolarização. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 13, n. 25, p. 299-310, jul./dez. 2007.

Stierlin e Wynne salientam que os inúmeros elementos de um sistema são reciprocamente contingentes e implicam nas condutas uns dos outros de uma maneira complexa³⁶. Assim, o ato de sentar-se em círculo não privilegia a ninguém, mas sim a circularidade dialogal em uma disposição sistêmica³⁷. Dessa forma, os alunos puderam perceber a si mesmos como parte integrante de um grupo, sendo escutados e respeitados em sua individualidade.

Outrossim, conforme aponta Pranis, nos Círculos de Construção da Paz, o facilitador também participa de todo o processo, podendo expressar suas opiniões, contar suas histórias, aproximando-se dos participantes e, assim, propiciando uma abertura para a verdade e sinceridade³⁸. Dessa forma, em todos os Círculos, as estagiárias participaram de todas as atividades, favorecendo a aproximação com os participantes e tornando o ambiente mais próximo e afetivo.

Portanto, a metodologia dos Círculos de Paz evidenciou-se uma prática efetiva no que diz respeito a construção de uma educação para a paz e bem viver, na medida em que pôde fortalecer a autoestima dos alunos, além de contribuir para a reflexão de assuntos importantes que foram trazidos pelos alunos e que dizem respeito ao contexto a que pertencem. Assim, parar e pensar nessas questões constitui-se como o ponto de partida para uma mudança de pensamento, elucidando os conflitos antes mesmo de acontecerem, através de alternativas construtivas e que promovam uma cultura de paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propulsionar a construção de práticas restaurativas no ambiente escolar foi um desafio, justamente pela questão dos conflitos e da própria violência estar presente cotidianamente, através de palavras, gestos ou ações desencadeadas entre alunos, alunos e professores, ou até mesmo abrangendo toda a comunidade escolar.

Diante disso, viu-se a importância de um trabalho contínuo, ou seja, prosseguir com os Círculos de Paz para a construção de uma cultura restaurativa,

³⁶ SIMON, F. B.; STIERLIN, H.; WYNNE, L. C. *Vocabulário de terapia familiar*. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1988.

³⁷ KONZEN, A. A. *Justiça Restaurativa e ato infracional: desvelando sentidos no itinerário da alteridade*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2007.

³⁸ PRANIS, K. *Processos Circulares*. São Paulo: Palas Athena, 2010.

sendo esta construção conjunta e contínua, para que os princípios restaurativos estivessem presentes nos alunos. E quais são esses princípios? A responsabilização, a empatia, a compreensão mútua e o respeito. Então, este trabalho foi alcançado com o intuito de semear uma cultura voltada a paz, sendo o psicólogo escolar um possível facilitador desse processo.

Por conseguinte, o processo em Círculo se baseia num conceito simples: todos desejarem ter um bom relacionamento com os outros. Assim, quando se cria um espaço respeitoso e reflexivo, as pessoas conseguem criar um terreno em comum, vencendo a raiva, a dor e o medo, por fim chegando a uma condição em que o cuidado mútuo é natural³⁹.

A Justiça Restaurativa tem demonstrado ser um terreno fértil para a instauração de uma nova ótica nas relações, pautada pela corresponsabilidade, reciprocidade e compromisso. Para tanto, esta metodologia parte do princípio de que as relações podem ser restauradas baseadas nos valores de inclusão, pertença, solidariedade e escuta ativa⁴⁰.

Para concluir, percebe-se que, apesar dos desafios em meio a banalização da violência, a construção de uma cultura com princípios restaurativos é uma alternativa diante da violência escolar. Acredita-se, assim, ser imprescindível a atuação do psicólogo escolar voltada a práticas inovadoras como a Justiça Restaurativa, sempre de acordo com as demandas da realidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. P. **Justiça Restaurativa na escola: perspectiva pacificadora?** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

AZEVEDO, A. G. (Org.) **Manual de Mediação Judicial**. Ministério da Justiça. Brasil, 2009.

BRANCHER, L. **Justiça restaurativa: para além do perdão e da vingança**. In: Cultura de paz: da reflexão à ação; Balanço da Década Internacional da Promoção

³⁹ PRANIS, K. *Processos Circulares*. São Paulo: Palas Athena, 2010.

⁴⁰ GROSSI, P.; SANTOS, A.; OLIVEIRA, S.; FABIS, C. Implementando práticas restaurativas nas escolas brasileiras como estratégia para a construção de uma cultura de paz. *Revista Diálogo Educacional*, vol. 9, núm. 28, set-dez, 2009.

da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

CHRISPINO, A. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação.** Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

GROSSI, P.; SANTOS, A.; OLIVEIRA, S.; FABIS, C. **Implementando práticas restaurativas nas escolas brasileiras como estratégia para a construção de uma cultura de paz.** Revista Diálogo Educacional, vol. 9, núm. 28, set-dez, 2009.

GUIMARÃES, M. R. **Cidadãos do Presente: crianças e jovens na luta pela paz.** São Paulo: Saraiva, 2002.

KONZEN, A. A. **Justiça Restaurativa e ato infracional: desvelando sentidos no itinerário da alteridade.** Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2007.

KRUG E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI A. B.; LOZANO. R. (eds.) **World report on violence and health.** Geneva, World Health Organization, 2002.

MALDONADO, M. T. **Os Construtores da Paz: caminhos da prevenção da violência.** São Paulo: Moderna, 1997.

MARCHETTO, G. L. A. **Educação para a Paz: um caminho necessário.** São Paulo: Paulinas, 2009.

MIRANDA, S. M. **Afeto e autoestima nas relações interativas em início de escolarização.** Linhas Críticas, Brasília, v. 13, n. 25, p. 299-310, jul./dez. 2007.

NETTO M. S. et al. **A Consultoria Escolar em suas diferentes etapas.** In: BASSOLS, A. M. S. et al, (orgs.). Saúde Mental na Escola: Consultoria com estratégia de prevenção. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PRANIS, K. **Processos Circulares.** São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, M. B.; **Comunicação Não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Editora Ágora, 2006.

RUOTTI, C. **Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.1, p. 339-355, jan./abr. 2010.

SILVA, J. M. A. P.; SALLES, L. M. F. **A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

SIMON, F. B.; STIERLIN, H.; WYNNE, L. C. **Vocabulário de terapia familiar.** Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1988.

ZEHR, H. **Avaliação e princípios da Justiça Restaurativa.** In: SLAKMON, C.; MACHADO, M. R.; BOTTINI, P. C. (Orgs.). Novas direções na governança da justiça e da segurança. Brasília-DF: Ministério da Justiça, 2006.

_____. **Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça** – Justiça Restaurativa. São Paulo: Palas Athena, 2008.